

A Viagem ao Brasil de
MARIANNE NORTH

1872-1873





JULIO BANDEIRA

A Viagem ao Brasil de

**MARIANNE
NORTH**

1872-1873



umário

Introdução

A Lady de Hastings *11*

A Instalação de Marianne North em Kew *19*

A natureza invisível: Brasil *29*

Solteironas audaciosas

North e os ArtistasViajantes

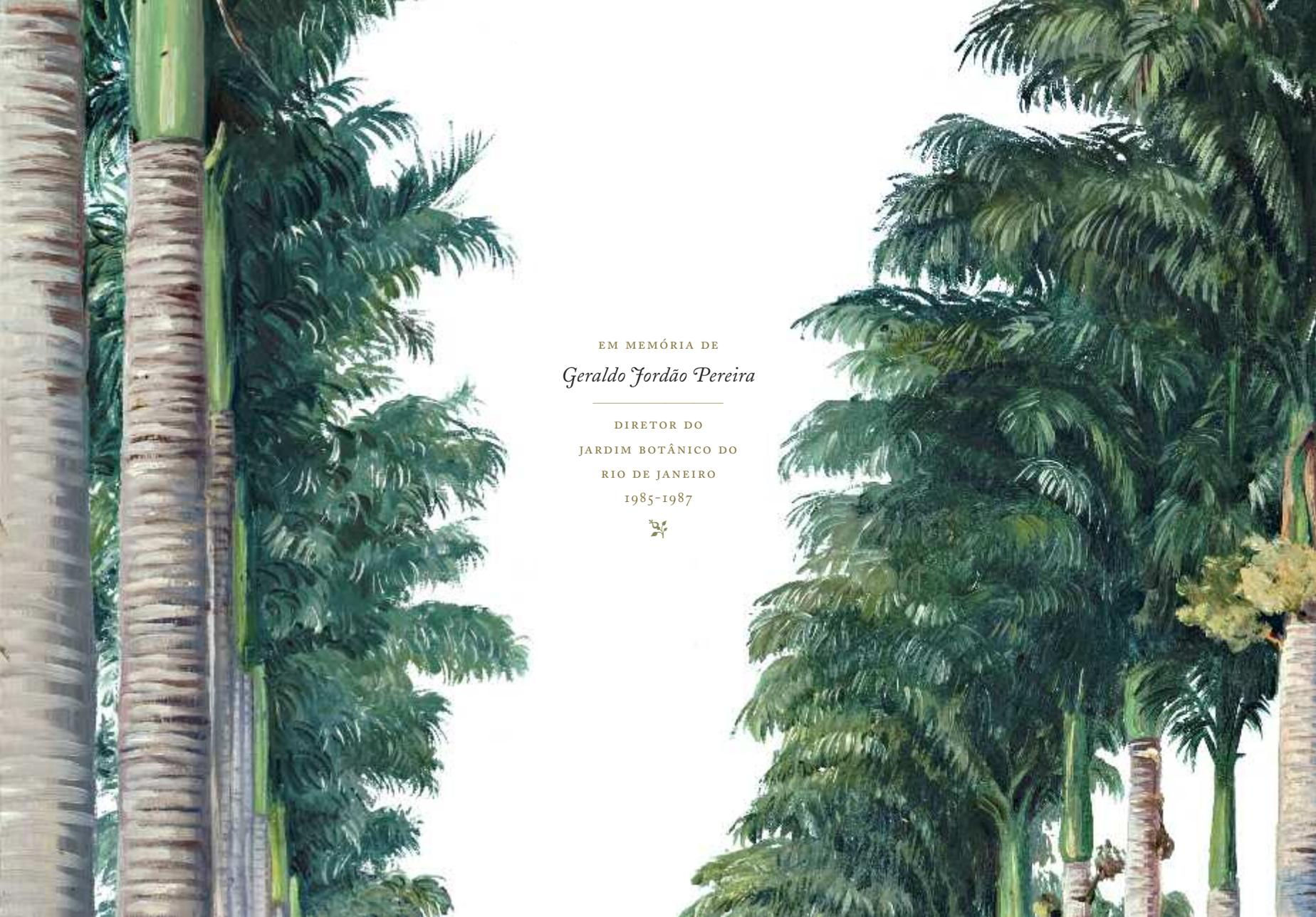
North, Merian e Mee *9*

Do rio Hudson ao Rio de Janeiro

Notas, Bibliografia e Cronologia *8*

Catálogo das obras *6*

Recordações de uma vida feliz *1*



EM MEMÓRIA DE
Geraldo Jordão Pereira

DIRETOR DO
JARDIM BOTÂNICO DO
RIO DE JANEIRO
1985-1987





Nenhum dos artistas viajantes do século XIX – nem os franceses Jean-Baptiste Debret e o Conde de Clarac, nem o austríaco Thomas Ender, nem o belga Benjamin Mary, para citar os mais relevantes – foi capaz de retratar a paisagem e a flora brasileiras com a intensidade e o colorido dos óleos da pintora inglesa Marianne North (1830-1890).

Todos aqueles artistas buscaram, em algum momento, revelar a natureza da floresta úmida tropical que encontraram no Brasil. Eles obedeciam aos cânones que o naturalista Alexander von Humboldt estipulara a partir de sua viagem ao Novo Mundo, na virada do Setecentos para o Oitocentos, considerada, então, como uma redescoberta da América.

Era também com aquarelas que esses artistas seguiam o breviário humboldtiano de uma representação dessa natureza novel, densa e emaranhada. Nada, portanto, se compara às 112 pinturas a óleo sobre papel e à solitária tela de Marianne North, reunidas pela primeira vez neste catálogo *raisonné* de sua obra brasileira realizada nos anos 1872-1873. Elas formam um conjunto de extraordinária beleza, que impressiona pela modernidade e impetuosidade. Seus óleos equivalem a mais



INTRODUÇÃO

Um volume inédito



AO LADO:
Marianne North pintando
FOTÓGRAFO DESCONHECIDO
ROYAL BOTANIC GARDENS, KEW
1850

de três vezes as 32 paisagens brasileiras de Rugendas¹ e as 26 pranchas de botânica e registros da natureza brasileira de Debret,² parcialmente reproduzidas pelos dois artistas em seus livros, além de serem quase o dobro das 59 pranchas do primeiro volume da *Flora brasiliensis* de Von Martius, cujos impressos reunidos foram feitos também a partir de Thomas Ender e Benjamin Mary.

Os quadros de North, com intensos tons de rosa, amarelo, azul e escarlate, revelam uma paleta de cores tropicais na paisagem que, para um público britânico mais habituado a sutis variações de verdes em meio a um colorido agudo, beirava alucinações visuais. Essa inglesa, que aos 43 anos viajou sozinha ao Brasil, soube, como ninguém, capturar as maravilhas botânicas em seus ecossistemas, unindo a arte à ciência. Somente cem anos depois, no século XX, outra inglesa, Margaret Mee³ (1909-1988), faria um número reduzido, não mais que uma dezena de pinturas a guache, de obras à maneira intensa com que North mostrara o Brasil e o mundo, suas superfícies plásticas onde a pintura de botânica reencontrava a paisagem de seu hábitat tropical.

O conjunto da obra sobre o Brasil de North teria sido mais do que suficiente para formar, já à sua época, um bellissimo volume de “quadros da natureza” (*Ansichten der*





Natur) – título humboldtiano empregado, em 1808, na primeira tentativa do naturalista prussiano de classificar as particularidades da Terra. Várias razões contribuíram, porém, para esse longo ineditismo da obra de North. Em primeiro lugar, seu método: ao contrário do que ocorria com os demais artistas aqui mencionados, as aquarelas e os esboços de Marianne North iam desaparecendo à medida que ela terminava suas pinturas a óleo.

Como se descobriu durante a restauração recente de seus óleos sobre papel, ela pintava em pentimento por cima das outras técnicas. Assim, ao mesmo tempo que tomavam forma, suas pinturas a óleo iam se alimentando dos desenhos e aguadas. A isto se deve a ausência neste catálogo de outros meios, a presença deles sendo apenas virtual, ocultos sob camadas mais espessas de tintas e cores.

Também os registros originais manuscritos de suas anotações de viagem desapareceriam atrás das pinturas, encerrados entre o suporte dos óleos e a rigidez do papelão que a artista colou como reforço. Os textos com a sua delicada caligrafia, que foram as legendas originais das pinturas, só seriam redescobertos em 2009, durante a mencionada restauração. Eles haviam desaparecido em 1882, ou 1885,



Alexander von Humboldt
por Friedrich Georg Weitsch

ÓLEO SOBRE TELA

126 × 92,5 CM

ALTE NATIONALGALERIE, BERLIM

1806

quando das duas montagens que North realizou na galeria que leva seu nome, em Kew Gardens.

Seus trabalhos a lápis e tinta, tomados a partir do natural na América, da mesma forma que em todos os outros continentes por ela explorados, eram, portanto, apenas a base para a ultimação a óleo realizada ora *in situ*, ora em seu quarto de hotel, ou na casa de amigos onde estava hospedada. Ao contrário de seus contemporâneos, North pintava muitas vezes sem paleta, com a tinta espremida diretamente do tubo sob o suporte, sendo esta finalização direta com tinta a óleo mais uma das razões que tornam sua arte tão singularmente bela.⁴ Uma vez feito o esboço a lápis ou nanquim no cartão, ele logo seria encoberto pela untura colorida da iluminação de suas tintas.

A outra justificativa para o longo ineditismo estaria relacionada aos limitados meios de reprodução disponíveis em seu tempo para a impressão de imagens em livro. Inventada no fim do século XVIII, a litografia, embora fosse excelente para a reprodução de aquarelas e desenhos, não permitia reproduzir as cores e, sobretudo, as texturas da pintura a óleo, mesmo quando realizada sobre papel. As reproduções fotográficas coloridas em fac-símile só

estariam disponíveis após a morte de North, e a artista provavelmente receava que a imagem de seus quadros perdesse a essência ao ser impressa por qualquer meio mecânico de reprodução incapaz de se aproximar da qualidade do colorido de sua pintura. Isso fez com que proibisse a publicação das pinturas, permanecendo até 1980⁵ a galeria construída por ela o único lugar possível de vê-las.

Esta ausência se torna notável em seus três livros *post mortem* de viagens, editados pela irmã, nos quais as únicas ilustrações são dois desenhos a lápis da flora mediterrânea e retratos em preto e branco de Marianne e seu pai.⁶

Em 2007, o Royal Botanic Gardens de Kew, após cuidadoso diagnóstico – quando ficou evidente que infiltrações na construção vitoriana estavam comprometendo o prédio e haviam contaminado com fungos as pinturas –, iniciou um amplo projeto de restauração. Diante dos sérios riscos que corria de desaparecer, o legado de Marianne North precisava urgentemente sofrer uma intervenção rigorosa, com um cronograma de pelo menos três anos: a galeria seria fechada e todas as 848 pinturas removidas para a restauração dos óleos e do prédio. Em 2010, todo esse trabalho foi concluído.



Cones de Araucaria araucana macha

NANQUIM E ÓLEO SOBRE PAPEL

35 X 50,9 CM

ROYAL BOTANIC GARDENS, KEW

1884

Isto significa que suas pinturas brasileiras, cerca de 80% delas inéditas, também estão sendo reproduzidas aqui pela primeira vez, com todo o colorido recuperado, o mesmo que tanto maravilhou os olhos de contemporâneos seus como Charles Darwin.







arianne North nasceu em Hastings, no condado de East-Sussex, na residência familiar de Hastings Lodge, em 24 de

outubro de 1830. Ela pertencia a uma família da aristocracia inglesa, proprietária de terras, sendo descendente do *Honorable*⁷ Roger North (1653-1734) que, como filho cadete de Lorde Dudley North, 4º Barão de North (1602-1677), só herdara o nome e uma boa educação, tornando-se um jurista de fortuna. O pai de Marianne, Frederick North (1800-1869), tetraneto do barão, que fora eleito⁸ aos 31 anos pela primeira vez para o Parlamento como *whig* (membro do Partido Liberal) por Hastings, era também juiz de paz em Norfolk. Já pelo lado de Janet, sua mãe, Marianne era neta de Sir John Majorybanks, baronete e membro do Parlamento por Berwickshire.

Marianne, a filha do meio – tinha um irmão dois anos mais velho e uma irmã caçula sete anos mais nova –, foi inicialmente educada em casa. Sua verdadeira formação dar-se-ia, contudo, durante as viagens que começara a fazer regularmente na companhia do pai desde os 17 anos, quando a família morou três anos no continente europeu, sobretudo na Alemanha e na Áustria.



A LADY · de · HASTINGS



Roger North

Óleo sobre tela de Sir Peter lely

NATIONAL PORTRAIT GALLERY

AO LADO:

*Fotografia de marianne publicada
na primeira edição de seu livro
de Memórias*

Em 1855, pouco antes da morte de sua mãe – havia muito inválida –, Marianne fez a promessa de jamais se casar e de cuidar do pai e da casa, tornando-se assim, aos 25 anos, a “lady” solteira de Hastings. Algo que não parece ter sido uma escolha difícil, visto que demonstrara sempre em seus escritos uma indiferença, e até mesmo repulsa, pelo conformismo implícito no casamento. O matrimônio era, para ela, uma instituição “que levava a uma experiência terrível, na qual a mulher era transformada numa espécie de criada eminente”.

Se o seu compromisso de dedicação ao pai viúvo lhe permitira compartilhar desde cedo uma paixão por viagens e botânica, a sua condição de solteira foi o que lhe fez senhora de si após a morte do pai em 29 de outubro de 1869, podendo dar livre curso aos seus périplos.⁹ Entre 1871 e 1885, ela faria duas circum-navegações, atravessando oito vezes o Atlântico e duas vezes o Índico e o Pacífico, indo de um hemisfério a outro com mais facilidade do que poucos europeus teriam para atravessar o canal da Mancha.

Embora tivesse tido aulas de desenho desde criança, sua verdadeira paixão até a adolescência fora a música, em particular o canto. A opção por uma vida no palco ou numa sala de concertos seria, contudo, definitivamente afastada após uma febre





tifoide contraída em Munique, que levou o melhor da sua voz, em 1847. Ela encontraria, então, na pintura, bem como nas viagens, uma vocação que viria, literalmente, bater à sua porta.

Entre os amigos de seu pai estava o pintor de paisagem e escritor Edward Lear (1812-1888), cuja biografia, *The Life of a Wanderer*, por Vivien Noakes, revela ter sido um *globe-trotter* quase da mesma linhagem que North. Pois foi esse frequentador da mansão de Hastings quem primeiro influenciou os destinos das viagens da jovem com seu pai e o gosto de Marianne pela paisagem. Na companhia paterna ela visitaria todos os locais pintados por Lear no sul da Itália e no Oriente Médio. Essa cumplicidade em seguir os roteiros de Lear prosseguiria mesmo após a morte de Frederick North: Lear visitaria mais tarde a Índia, onde viveu por dois anos, entre 1873 e 1875,¹⁰ no que foi seguido por Marianne, entre 1877 e 1879. Além de ter sido o autor do best-seller de 1846, *A Book of Nonsense*, Lear impressionaria de tal modo a Rainha Vitória com as ilustrações de seus livros de viagem à Itália, que seria feito professor particular de pintura em aquarela de Sua Majestade.

Preparando mais uma vez o futuro de Marianne, entre os hóspedes da casa também estavam os botânicos William Jackson



A *Book of Nonsense*, de Edward Lear, e duas de suas famosas vinhetas.

ACERVO PARTICULAR, LONDRES

1862



Hooker (1785-1865) e Joseph Dalton Hooker (1817-1911), pai e filho, sucessivamente diretores de 1841 a 1885 do Royal Botanic Gardens de Kew.¹¹ Contudo, a mais famosa das relações ilustres de Hastings era Charles Darwin. O naturalista, que tinha Joseph Hooker entre seus amigos mais diletos, seria, muitos anos depois, impedido pela própria morte de inaugurar, como havia prometido, a North Gallery, em 1882. Na introdução que fez à segunda edição de *Recollection of a Happy Life*, autobiografia de Marianne, Susan Morgan lembra que a contribuição de Darwin para a construção da galeria vai desde a sugestão de que North visitasse a África e a Oceania, para acrescentar novas pinturas, até a coleta das pranchas de madeira de 240 países que formam o lambri que reveste as paredes ao longo da galeria.

Assim, os anos entre 1859 e 1870 podem ser considerados os de sua formação como pintora e botânica, realizando, também, sempre que seu pai perdia uma eleição, uma série de *grands tours* sistemáticos pela Europa. A lista de suas viagens pelo continente europeu e o Oriente Próximo, na companhia de Frederick North, inclui: Munique, Heidelberg e Salzburg (1847); Espanha (1859); Suíça, Itália, Constantinopla e Atenas (1862); Síria e Egito (1865); Palestina (1866); Áustria (1867); e os Alpes (1869).



Vista do “Parade” de Hastings em dia de ressaca.

CARTÃO-POSTAL ANÔNIMO

1891

AO LADO:

Edward Lear por William Hunt

LIVERPOOL MUSEUM

1890



A jovem Marianne – cujo apelido de “Pop” (estalo/pipoca) é bastante revelador de seu temperamento irrequieto – teve, portanto, uma criação singular e cosmopolita, na qual os meios foram aliados a uma educação heterodoxa e humanista, com influência direta da elite intelectual e liberal vitoriana. Sua já citada autobiografia, editada pela irmã Catherine Symonds,¹² está repleta de observações extravagantes, obstinadas e mordazes. Os dois volumes – *Recollections of a Happy Life: Being the Autobiography of Marianne North* (1892) e *Some Further Recollection of a Happy Life: Selected from the Journals of Marianne North* (1893) – baseiam-se em seus diários. Quiçá por alguma referência mais inconformista, os manuscritos originais continuam sendo mantidos sob a guarda da família,¹³ o que impediu até agora um conhecimento ainda mais aprofundado sobre a personalidade da artista.

As *Recordações de uma vida feliz* nos contam que um dos grandes acontecimentos na vida de Pop, ocorrido entre o Natal e o Ano-Novo de 1866-1867, foi sua iniciação à pintura a óleo. Coincidentemente, essa técnica chegaria até ela pelas mãos de um artista de outro hemisfério, o australiano Robert Hawker Dowling (1827-1886), pintor de costumes e retratos, mais um dos convidados de seu pai em Hastings. Dowling,



A VIAGEM AO
BRASIL DE
MARIANNE
NORTH

14

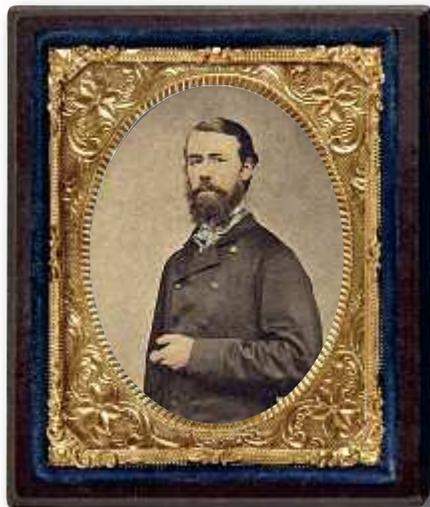


dono de um estilo vigoroso e muitas vezes etnográfico, que registrava em grandes telas grupos de aborígenes e europeus, parece ter sido outro que introduziu em North o desejo por paisagens extraeuropeias.

*Eu nunca mais pintei de outra forma desde então, a pintura a óleo tornara-se para mim um vício como a dipsomania, quase impossível de largar uma vez que a gente está tomada por ele.*¹⁴

Foi durante uma de suas viagens à Suíça, onde vivia a maior parte do tempo a filha caçula, Catherine, que Frederick North adoeceu. Era um outono particularmente frio nos Alpes, o que não impediu o velho *gentleman* de cometer – como mais tarde a filha nos trópicos – excessos ao praticar montanhismo a partir do Hotel du Righi Vaudois, em Montreux. Marianne conseguiu ainda levá-lo via Paris para a casa em Hastings, onde faleceria três dias depois. Pop, que no passado fora encorajada pelos amigos a fazer descrições e esboços das viagens – como durante sua ida à Espanha, quando fez sua primeira tentativa de pintar a paisagem usando como meio a aquarela –, tomaria finalmente a decisão solene de se dedicar por inteiro à pintura.

No dia 29 de outubro de 1869 meu pai morreu. (...) Eu queria ficar sozinha; era-me insuportável falar sobre ele, ou qualquer outro



Robert Dowling

FOTÓGRAFO DESCONHECIDO

ALBÚMEN

1855

AO LADO:

*Early effort-art in Australia
por Robert Dowling*

ÓLEO SOBRE TELA, 7,6 X 122,3 CM

NATIONAL GALLERY

OF VICTORIA, MELBOURNE

1860

*assunto. Logo que a situação da casa em Hastings ficou resolvida, parti direto para Mentone¹⁵ (...) meu objetivo era pintar a partir do natural, e tentar aprender com o mundo adorável que me cercava ali como tornar esta atividade doravante senhora da minha vida.*¹⁶

Da Riviera, ela partiu para a Sicília, onde desembarcaria no dia 28 de fevereiro de 1870 em Palermo, seguindo para Siracusa e Messina. Este foi seu último *tour* europeu e sua primeira experiência de dedicação exclusiva à pintura. A partir de Taormina, viajaria de início na companhia de um amigo alemão, “que evitava seus compatriotas”,¹⁷ com quem fez alguns esboços; mas foi junto a um misterioso pintor de paisagens dinamarquês que passou uma semana inteira entregue à pintura em meio ao vento quente que soprava do Saara:

*Nós tivemos uma semana de sirocco e nuvens, o que melhorou bastante a paisagem, e com suas adoráveis nuances peroladas equilibraram a grande massa do monte Etna. O dinamarquês e eu trabalhávamos horas a fio, todos os dias, em diferentes cantos do anfiteatro.*¹⁸

Apenas três óleos da sua época mediterrânica seriam selecionados para a North Gallery, sendo fixados junto às





pinturas africanas. São eles: *Palmeiras e tamareiras à beira do Nilo acima de Philae* (Filas),¹⁹ uma paisagem de 1866 durante viagem com o pai, *Papiro, ou junco de papel e Estudo de azeitonas*, pintados na viagem à Sicília em 1870,²⁰ respectivamente as pinturas de número 360, 361 e 517.

De volta à Inglaterra, Marianne vendeu, no início de 1871, a propriedade familiar de Hastings Lodge. Aos 40 anos, tinha afinal os meios para realizar seu desejo de crescer como artista e partir para a sua primeira viagem transatlântica aos Estados Unidos e à Jamaica.

Começa então a série de grandes viagens em busca de plantas de todas as latitudes para “pintar a vegetação peculiar de outras terras”.

Durante os catorze anos seguintes, Marianne iria descobrir sucessivamente a América do Sul, a África, a Ásia, da Índia ao Japão, e a Oceania, da Tasmânia à Nova Zelândia. Ela estava totalmente livre para se dedicar ao seu “vício de pintar”, atuando com a vivacidade e o vigor característicos de suas tintas a óleo, buscando flores e paisagens em todos os continentes, cujas substâncias seriam capturadas pelas suas pinturas:

Desde muito acalentava o sonho de partir para algum país tropical e de pintar sua vegetação peculiar do natural em meio à natureza abundante e luxuriante.



*A casa de Marianne North
em Hastings por T. Perkin*

ÓLEO SOBRE TELA
ROYAL BOTANIC GARDENS, KEW

1893

Em meados de novembro de 1884, embarcou em sua viagem definitiva; partia em busca da *Araucaria imbricata* chilena, para completar a sua galeria com a última grande árvore ainda não representada. Durante essa viagem iria revisitar por alguns dias o Rio de Janeiro, com sua “adorável baía” e passear pelo “refrescante beira-mar”.

Pop passaria o Natal e o Ano-Bom em Santiago; seus nervos, porém, já não eram os mesmos. As alucinações que sentira nas ilhas Seychelles, as várias vicissitudes físicas que suportara a tornaram uma mulher alquebrada, para a qual os médicos encontravam como único paliativo receitas de brometo, sedativo usado em prisões e quartéis em virtude de suas propriedades mortificantes. Apesar da saúde precária, sua intenção era partir de Valparaíso tendo o México como destino. Ela seria, entretanto, obrigada a desistir de Acapulco no meio da viagem, desembarcando no Panamá, para retornar à Inglaterra no início de 1885.

Ao atravessar o istmo, onde já começavam os trabalhos do futuro canal, Pop se entristeceu mais uma vez com o enxovalhamento da natureza perpetrado no Novo Mundo. Mesmo assim, reencontraria na Jamaica, junto a uma velha amiga, Mrs. C., a beleza do início de suas viagens nessa última escala americana, onde ficou

hospedada em Raymond Hall, a mil metros de altitude. “Uma das casas mais altas do sul da ilha, e as vistas eram magníficas a sua volta”, escreveu ela diante daquela que foi a sua primeira e derradeira paisagem tropical.

De volta à Inglaterra, concluiria o arranjo da sua galeria-monumento como é vista até hoje. Em seguida, partiria em sua busca final por um recanto, cuja descrição lembra o testamento de *Candide*. Como a personagem de Voltaire, nos últimos anos de vida Marianne tratou de cultivar seu próprio jardim.

“Depois disso procurei pela perfeita morada no campo, onde já houvesse uma casa pronta e um jardim que eu pudesse fazer à minha maneira (...). Encontrei o lugar perfeito para o que desejava, com meu jardim tornando-se famoso entre aqueles que amam as plantas (...). Nenhuma vida é tão encantadora como aquela no campo inglês, e nenhuma flor é mais suave ou mais adorável que as *primroses* (primaveras), *cowslips* (prímulas), *bluebells* (jacintos) e violetas, todas crescendo em abundância à minha volta.”²¹

Pop morreu aos 59 anos – seu pai se fora aos 49 – cercada pela companhia de seu jardim em Alderley, no dia 30 de agosto de 1890. Sua casa ficava em Cotswold, uma das regiões mais belas da Inglaterra.



Marianne North, em Alderley

FOTOGRAFIA ANÔNIMA

1887

AO LADO:

Cotswolds Hounds

GRAVURA ANÔNIMA

1891

Graças à precisão científica com que a natureza foi por ela registrada na pintura a óleo, seu amigo Hooker identificou para a ciência e batizou com seu nome um novo gênero e quatro novas espécies de plantas: *Northea seychellana* – uma árvore das ilhas Seychelles; *Nepenthes northiana* – a maior das plantas insetívoras de Bornéu, pintada pela primeira vez por Marianne; *Crinum northianum* – uma das amarílis; *Areca northiana* – palmeira do gênero *Plumeria*; e *Kniphofia northiana* – da família das liliáceas africanas.



